

TEM A PALAVRA... BÁRBARA CARINE E COLEGAS

GIVING THE FLOOR... BÁRBARA CARINE AND COLLEAGUES

TIENE LA PALABRA... BÁRBARA CARINE Y COLEGAS

1. BREVE BIOGRAFIA | BRIEF BIOGRAPHY

Bárbara Carine Soares Pinheiro é doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. É consultora pedagógica e fundadora da Escola Maria Felipa. E-mail: soarespinheiro@gmail.com.br

Bárbara Carine Soares Pinheiro has a Ph.D. in Teaching, Philosophy and History of Sciences at Federal University of Bahia, Brazil. She is a pedagogical consultant and creator of the School Maria Felipa.

Lorena Lacerda é licenciada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. É secretária da Escola Maria Felipa. E-mail: lorenlacre@gmail.com

Lorena Lacerda is graduated in Museology at Federal University of Bahia. She is a secretary of the School Maria Felipa.

Ian Andrade Cavalcante é Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Brasil. É diretor e fundador da Escola Maria Felipa. E-mail: prof.iancavalcante@gmail.com

Ian Andrade Cavalcante has a Ph.D. in Education by Federal University Fluminense, Brazil. He is a director and creator of the School Maria Felipa.

2. ESCOLA MARIA FELIPA: POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL EMANCIPADORA E ANTIRRACISTA

No Brasil, um país que possui a maioria da sua população negra, existe a Lei 10.639, sancionada em 2003 pelo Presidente da República, que altera a Lei de Diretrizes e Bases, 1996, e institui a obrigatoriedade no ensino fundamental e médio, público e particular, do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. A referida lei tem especial importância para a divulgação e valorização do legado cultural africano que recebemos desde o século XVI, pois além de ampliar o conhecimento que temos dessa cultura, supõe um novo olhar sobre a história africana e afro-brasileira e suas possíveis relações como o percurso histórico brasileiro. Entretanto, em virtude do racismo institucional que vivemos em nosso país esta lei quase não é cumprida nas instituições de ensino. Nesse sentido a Escola Afro-brasileira Maria Felipa vai na contramão desse processo, compreendendo que o nosso compromisso social é educar por meio do desvelamento das estruturas hegemônicas de poder que segregam os indivíduos a partir da sua raça, religião, gênero, sexualidade, classe social, deficiência, dentre outros condicionantes

sociais. Para construirmos um modelo de educação revolucionário e emancipador, na nossa perspectiva, buscamos partir de uma ótica descolonizada de educação, que não omita os saberes tidos socialmente como hegemônicos, mas que também dê voz a outras narrativas desprivilegiadas e, por vezes, apagadas da nossa construção sócio-histórica. Nesse intuito, trazemos como conhecimentos históricos cruelmente subjugados os saberes africanos e afro-brasileiros, bem como os indígenas, que, na nossa concepção, precisam ser resgatados não apenas com a finalidade de promoção de justiça social, mas fundamentalmente como via de compreensão de quem nós somos, enquanto sujeitos, constituídos ancestralmente também por esses povos.

3. ENTREVISTA

1 - Como diz Angela Davis, "não basta não ser racista, é preciso ser antirracista". Nesse sentido, gostaria que vocês falassem um pouco sobre qual a importância de uma escola antirracista?

Uma escola antirracista se faz necessária, pois sendo o racismo uma opressão estrutural em nossa sociedade cabe a todos os complexos sociais atuarem no combate dessa hierarquização racial, principalmente a escola, pois esta possui um papel fundamental na construção das nossas subjetividades, enquanto pessoas negras ou não. Na escola aprendemos uma história errada que o velho mundo é o continente europeu e não o continente africano, aprendemos que os europeus descobriram as américas e apagamos a existência dos povos originários nestas terras, nos apropriamos da noção de que todos os importantes intelectuais do mundo são brancos e majoritariamente homens, que a história de pessoas negras se inicia com a escravidão, ou seja, nos apropriamos de uma série de equívocos que constroem um pertencimento étnico-racial negativo para pessoas negras e positivo para pessoas brancas. Pela via da escola, sem nenhum constrangimento por parte desta instituição, crianças brancas desde muito pequenas entendem que o mundo pertence a elas juntamente com seus espaços de poder. Em contrapartida, crianças negras são projetadas para um lugar social de negação estética, intelectual e porque não humano, que as acompanha com o estigma da subserviência. Neste sentido, cabe à escola não só apresentar os esquemas de opressão vividos por pessoas negras na sociedade, bem como os esquemas de privilégios vividos por pessoas brancas nesta mesma sociedade, como cabe, principalmente, reestruturar suas bases curriculares, saindo de uma cosmovisão essencialmente eurocêntrica, retirando o negro da condição de descendente de escravos e revelando ao mundo todo o pioneirismo intelectual e civilizatório protagonizado há milênios pelo continente africano.

2 - A partir dessa proposta de uma educação antirracista, poderiam detalhar um pouco mais sobre o funcionamento da Escola Maria Felipa. E, em particular, a Educação em Ciências, é possível trabalhar partindo dessa perspectiva antirracista?

Na escola Maria Felipa trabalhamos o antirracismo em uma perspectiva decolonial, fugindo de narrativas historiográficas totalizantes e pautando uma educação escolar assentada nos nossos três fundamentais marcos civilizatórios: o ameríndio, o africano e o europeu. Articulamos os eixos da ancestralidade, identidade e comunidade em uma afro-perspectiva Ubuntu com os campos de experiência previstos na Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil. Nesse caminho, relacionamos esta abordagem com o ensino de Ciências, tanto a partir do cuidado com a natureza abraçando a premissa da indissociabilidade entre o EU e o

NÓS prevista na filosofia Ubuntu, entendendo uma natureza que necessariamente e simbioticamente co-existe comigo, bem como pautamos a educação científica apresentando as produções científico-tecnológicas de pessoas negras antes e após o contexto da diáspora escravagista nas Américas.

3 - Pensando nas políticas relacionadas à Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia, quais limites e possibilidades você considera importante para atingirmos uma educação comprometida com a justiça social, nesse momento de tantas incertezas, relacionadas tanto à pandemia, quanto ao crítico momento político que vivemos?

O momento que vivemos no Brasil e no mundo é extremamente delicado tanto do ponto de vista político quanto existencial, no sentido da produção e reprodução da existência humana. No entanto, mesmo em meio ao caos e as incertezas que nos cercam algo de importante se destaca diante de um obscurantismo intelectual abraçado por parte da elite brasileira nos últimos tempos: a importância da Ciência! Em um contexto no qual movimentos terraplanistas e antivacinas ganhavam força, destaca-se o crescimento avassalador e destrutivo de uma doença ainda sem cura e sem vacina que mata milhares de pessoas em torno do mundo e que impõe o desafio a todos os centros de pesquisas biomédicas na face da terra de estudarem este vírus [Covid-19]. Não é qualquer papel que o conhecimento científico ocupa na atualidade e essa pandemia nos ensinou isso do modo mais contundente possível. Deste modo, torna-se ainda mais urgente repensar a questão da socialização engajada dos conhecimentos científicos para a população, principalmente pela via da escola, de um modo que estes conhecimentos se aproximem da população e mostrem que esta Ciência é um complexo social sensível às demandas coletivas humanitárias e não meramente uma servente do sistema capitalista, no desenvolvimento de tecnologias que promovam apenas a produção de mercadorias e o lucro. Isso nos ajudará a fugir desse abismo que possibilitou a negação da importância da Ciência na era das fakenews.

4. PARA SABER MAIS

Escola Maria Felipa (s/ data). Escola Afro-Brasileira Maria Felipa. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://escolinhamariafelipa.com/>